

A REPRESSÃO POLICIAL À HOMOSSEXUALIDADE DURANTE OS ANOS DE CHUMBO NA DITADURA CIVIL MILITAR BRASILEIRA: APONTAMENTOS DE UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Lázaro de Jesus Ramos¹

Kleber José Fonseca Simões²

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo, por apresentar os passos iniciais de uma investigação sobre a repressão policial à homossexualidade masculina, em Salvador, durante o chamado Anos de Chumbo da ditadura civil militar brasileira. Nesse sentido, busca-se apresentar a pesquisa bibliográfica sobre a temática, situando as contribuições e caminhos apresentados por quatro autores Renan Quinalha, Kleber Simões, João Silvério Trevisan e James Green os quais se detiveram a analisar a repressão cívico militar as dissidências de gênero e sexualidade durante o regime ditatorial brasileiro. Nesse contexto, a pesquisa bibliográfica verifica-se como uma etapa crucial na construção e fundamentação de um trabalho acadêmico. Nesse sentido, essa pesquisa está se constituindo pela análise das fontes bibliográficas, após a busca e levantamento dos livros e artigos que debatem acerca da temática em foco para a construção do trabalho, visando refletir de maneira crítica a temática e os óbices que a cercam, assim como compreender as possibilidades de críticas e observância das lacunas historiográficas ainda presentes na historiografia brasileira no que diz respeito ao tema em debate.

Nesse contexto, O foco do trabalho em questão, é refletir e denunciar os crimes cometidos contra esses indivíduos no contexto dos anos de chumbo da ditadura militar brasileira em Salvador, capital baiana, focando na violência física e moral cometida contra essas pessoas pela polícia cívico e militar em nome da “moral” e dos “bons costumes”, além de analisar a maneira como era retratada essa questão na imprensa local. Porém, pela escassez de fontes bibliográficas acerca da temática, busco revisar a bibliografia já existente produzida pelos autores mencionados anteriormente, fazendo, assim, uma análise a forma como esse tema urge por mais pesquisas, aprofundamento das já existentes e revisão delas. Assim, busco, também, denunciar a falta de

¹ Graduando do curso de licenciatura em história do Campus XIV da Universidade Estadual da Bahia- UNEB, lazaroramos593@gmail.com

² Doutor e Professor assistente do curso de licenciatura em história do Campus XIV da Universidade do Estado da Bahia- UNEB, gtgeneroanpuhba@gmail.com

pesquisas acadêmicas sobre o tema no que diz respeito a Bahia, principalmente a Salvador, assim como a necessidade de escrever sobre.

Nesse âmbito, trabalho que venho a desenvolver em minha pesquisa hoje recebe o título “A Repressão Policial a Homossexualidade Masculina Soteropolitana Durante os Anos de Chumbo da Ditadura Militar Brasileira: 1970-1978”, a temporalidade, é demarcada a partir do contato que tive com os jornais que servirão como fontes primárias. Desse modo, meu trabalho busca analisar e debater a forma como o maquinário ditatorial, a partir da polícia, principalmente a delegacia de jogos e costume de Salvador, buscou reprimir os corpos homossexuais e travestis durante os anos de chumbo da ditadura militar. Nesse âmbito, pretendo debater acerca de como os homossexuais e travestis mesmo que não fossem considerados como “os opositores diretos” do sistema político vigente, sofriam violência física, eram vítimas de humilhações, prisões, batidas e operações policiais, extorção, violência material, moral e física, pelo sistema político e pela polícia numa tentativa de “higienizar” os espaços públicos e impor padrões conservadores em nome do discurso da moral e bons costumes fundamentado pelo período em questão, tão como a maneira como o fenômeno era retratado na imprensa local do lapso. A partir da bibliografia existente, busco, também, debater alguns pontos que perpassam a temática e o tempo em que se passam os fatos históricos em foco, tais como a obra de Quinalha (2017) aborda a forma como o descaso jurídico e político acerca da temática homossexualidade e ditadura, uma vez que, mesmo que tenha verificado-se presente em algumas das Comissões da Verdade, especificadamente as de São Paulo e Rio de Janeiro, fenômeno esse que iniciou-se e ocorreu durante o governo Dilma, mais especificadamente em 2014, ano que completou-se sessenta anos do início desse perturbador período da história brasileira, como destaca Quinalha na introdução de sua tese de doutorado que recebe o título “Contra a Moral e os Bons Costumes: A Política Sexual da Ditadura Militar (1964-1968), defendida em 2017, pelo Instituto de Relações Internacionais da USP (Universidade de São Paulo). Nesse âmbito, Quinalha destaca que houve descaso e resistência a adesão de pautas acerca da repressão aos corpos lgbtqiapn+ no que tange o período ditatorial brasileiro. Além da invalidação pelas bancadas das comissões, houve um debate escasso devido aos prazos, escassez de relatórios e relatos, mas que foi um marco histórico, uma vez que trouxe visibilidade a uma parte da repressão antes invisibilizada pela memória histórica.

¹ Graduando do curso de licenciatura em história do Campus XIV da Universidade Estadual da Bahia- UNEB, lazaroramos593@gmail.com

² Doutor e Professor assistente do curso de licenciatura em história do Campus XIV da Universidade do Estado da Bahia- UNEB, gtgeneroanpuhba@gmail.com

Autores como Quinalha (2017), James Green (2000) e Trevisan (1986) debatem, dentre de inúmeras nuances, as vivências desses indivíduos perante o maquinário repressor que foi a ditadura militar brasileira, suas formas de (re) existência, sociabilidade, lutas e início do movimento de militância LGBT brasileiro no fim da década de setenta, com destaque ao grupo de afirmação SOMOS criado em 1978, sendo um dos criadores o próprio Trevisan, além da comunicação, denúncias e sociabilidade das classes marginalizadas como lgbs, negros e mulheres por meio do jornal Lâmpião de Esquinas criado em 1978, do qual Trevisan também foi um dos fundadores, o mesmo sofreu boicotes e censura por parte do regime, mas não deixou de ser um meio midiático que dava visibilidade a essas dissidências de gênero e sexualidade, seja pela denuncia de crimes contra esses corpos, seja como meio cultural e social de discurso e disseminação de informações culturais dentro do contexto dessas comunidades. Os três autores mencionados preteritamente focam bastante nas maneiras de repressão da ditadura militar a esses corpos, claro que cada um aborda a partir de seu discurso, vivência, experiência e conhecimento em diálogo com as fontes utilizadas em suas pesquisas, todavia percebe-se as menções aos trabalhos de Trevisan e Green no de Quinalha. Além do mais, focam no “boom gay” ou aumento da sociabilidade homossexual e travesti na década de setenta, principalmente de gays de classe média que começaram a ocupar espaços como saunas, teatros, cinemas, dentre outros que eram utilizados como locais de encontros e flertes, como destaca Green em sua obra. Contudo essas localidades eram frequentemente alvos de batidas policiais e fechamentos, só eram reabertas, muitas das vezes, após extorsões por meio dos policiais aos donos das localidades. Dessa maneira também ocorria contra as travestis que trabalhavam com a prostituição nos grandes centros metropolitanos brasileiros da época, muitas delas utilizavam da prostituição como uma alternativa de conseguir o seu sustento, mesmo a maioria trabalhando em outros empregos, como babás e garçonetes, como frisa Quinalha em sua obra. Assim, esses indivíduos eram frequentemente alvos de prisões arbitrárias, operações e blitz policiais que as prendiam sob o argumento de que estavam a cometer crimes de atentado ao pudor a vadiagem, mesmo que elas portassem carteira de trabalho que era uma investida que muitas utilizavam para não serem presas. Outra forma de resistência era a “mutilação”, ou seja, elas andavam com navalhas na parte interior da boca, nas bochechas, e cortavam-se ao avistarem a polícia. Assim, elas seriam levadas aos hospitais para serem socorridas e não seriam presas, logo não perderiam

¹ Graduando do curso de licenciatura em história do Campus XIV da Universidade Estadual da Bahia- UNEB, lazaroramos593@gmail.com

² Doutor e Professor assistente do curso de licenciatura em história do Campus XIV da Universidade do Estado da Bahia- UNEB, gtgeneroanpuhba@gmail.com

seus “clientes”, tão como seu trabalho, como os três autores abordam em suas respectivas obras. Por fim, os três debatem acerca da conhecida Operação Richetti que, de modo geral e simplista, foi uma série de investidas e blitz policiais que ocorreram em São Paulo na primeira metade da década de 1980 na qual o delegado da cidade de São Paulo da época, José Wilson Richetti, tinha como objetivo a “limpeza” do centro de São Paulo, retirada dali de “vadios” e “marginais”, todavia esse discurso encobria a real intenção que era a retirada de pessoas lgbt desses espaços, especialmente lésbicas e travestis, que, por sua vez, trabalhavam com a prostituição naquela localidade, fenômeno esse que houve algumas “repetições” ou ações parecidas em outras capitais brasileiras, como em Salvador, Bahia. Trevisan detalha muito de suas experiências referentes ao período em questão em sua obra, traz um embargo emocional e pessoal que enriquece e dá vida a sua obra, aproximando-a do leitor e imergindo-o no contexto da época a partir da narrativa.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

De modo geral, Quinalha, em sua tese, investigar, dentre outras nuances dentro do campo de pesquisa de seu doutorado que recebem o título “Contra moral e os bons costumes: A política sexual da ditadura militar brasileira (1964-1978)”, especificadamente em seu terceiro capítulo intitulado “A Violência Nas Ruas: Controle Moral e Opressão Policial” busca investigar a forma como o governo ditatorial não limitava a repressão aos opositores políticos, mas àqueles sujeitos que “desobedeciam” ao discurso ideológico da moral pregado pelos militares, expandindo sua repressão ao campo simbólico para o campo da violência material, tentando, dessa maneira, “regularizar” os corpos e comportamento dos indivíduos que desviavam da heteronormatividade cisgênera, seja por via da violência física, pela prisão dessas pessoas ou por meio da repressão simbólica, uma vez que as sexualidades dissentes eram vistas como uma ameaça à ordem social e a estabilidade da nação brasileira. Assim o autor aprofunda sua análise focando nas formas como a polícia buscou identificar e reprimir os comportamentos que eram vistos como desviantes da moral e contradiziam a heteronormatividade (FOUCAULT, 1988; BUTLER, 2016) cisgênera (VERGUEIRO, 2015; BAGALI, 2014; VIEIRA, 2015) que, ainda hodiernamente, representa uma grande parcela da população nacional. Quinalha enfatiza as recorrentes prisões arbitrárias que, também ocorriam na capital baiana, a violência física e

¹ Graduando do curso de licenciatura em história do Campus XIV da Universidade Estadual da Bahia- UNEB, lazaroramos593@gmail.com

² Doutor e Professor assistente do curso de licenciatura em história do Campus XIV da Universidade do Estado da Bahia- UNEB, gtgeneroanpuhba@gmail.com

psicológica que era cometida por esses “profissionais” contra os homossexuais, mas, também não limitava-se a homens gays, ocorria contra lésbicas, pessoas trans, entre outros. Além do discurso repreensor de instaurar e manter a ordem e moral por meio dessas ações, a instituições de poder, principalmente os militares, tentavam silenciar e marginalizar os membros da comunidade lgbtqia+, impedindo, dessa maneira, esses indivíduos de lutar por seus direitos, ou ao menos tentando.

Trevisan, em sua obra “Devassos no Paraíso” 1986, e James Green em “Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX, mais especificadamente no capítulo “Abaixo a repressão: mais amor e mais tesão” 1969-1980”, demonstram que a criação e a ocupação de “novos espaços” sociáveis por homossexuais foi uma maneira de reagir e resistir a repressão causada pelo sistema que, como Foucault debate no primeiro volume de sua obra “A História da Sexualidade” publicado a primeira vez em 1976, o poder utilizava da simbologia por meio de discursos para regular a vida cotidiana dos indivíduos, tão como seus desejos e corpos. Nesse viés, o biopoder foi um conceito criado pelo filósofo francês, Michael Foucault, para caracterizar a maneira como a modernidade pode ou tenta exercer o poder sobre os indivíduos, uma vez que ele atua como regulador dos comportamentos dos corpos individuais e dos coletivos, diferenciando o que deve ser visto como normal e digno, e o que deve ser visto como imoral e, conseqüentemente, marginalizado. Fazendo uma correlação com a realidade dos homossexuais no contexto da ditadura militar, esse biopoder atuava por meio, por exemplo, das abordagens policiais a espaços de convívio e sociabilidade de homossexuais, não apenas visando punir os indivíduos, porém buscando disciplinar os comportamentos que eram vistos e considerados desviantes dos ideais heteronormativos do período em debate. No modelo foucaultiano, o poder atua também como um tipo de modelador de “modos” de vestir, gesticular, ser... Enquanto o regime militar tentava institucionalizar uma masculinidade rígida e engessada, associando ela a moral, à ordem e à nação, além de utilizar o discurso médico, científico e psicológico criado no século anterior, século XIX, que buscava patologizar a homossexualidade, criando a visão de que qualquer outra forma de desejo a parte da heterossexualidade era vista como um desvio ou doença para enfatizar a sua narrativa e justificar os crimes cometidos contra esses cidadãos brasileiros. Além do mais, ambos os autores,

¹ Graduando do curso de licenciatura em história do Campus XIV da Universidade Estadual da Bahia- UNEB, lazaroramos593@gmail.com

² Doutor e Professor assistente do curso de licenciatura em história do Campus XIV da Universidade do Estado da Bahia- UNEB, gtgeneroanpuhba@gmail.com

Trevisan e Green, refletem a maneira como os movimentos de esquerda da época eram “apartados” do movimento lgbt que vinha a emergir no final da década de 1970, uma vez que não achavam a pauta lgbt como algo “urgente” ou “pertinente” para o cenário político e social da época em debate. Todavia, isso propiciou a autonomia do movimento lgbt.

Em sua obra, Kleber (2021), por sua vez, debate de forma fugaz, todavia pertinente a atuação da delegacia de jogos e costumes de Salvador como aparelho repressivo as dissidências de gênero e sexualidade na capital baiana durante a ditadura civil-militar brasileira. Diferenciando dos demais trabalhos, ele traz um calabouço teórico e histórico que embasa suas afirmações e conversa diretamente com as fontes utilizadas. De Foucault e a teoria da biopolítica a inteligibilidade de gênero, o historiador explana o fenômeno repressivo com maestria e abre um leque de pesquisas acerca da temática com o foco no polo nordestino, uma vez que há escassos trabalhos dentro desse eixo temático que focam de maneira plena no recorte geográfico do nordeste brasileiro, ainda mais escassos quando se diz respeito a Bahia, havendo apenas o artigo publicado por Kleber que faz parte da coletânea “Clio sai do armário: historiografia LGBT”. Nesse âmbito, meu trabalho busca dar continuidade ao que foi debatido por Kleber em seu artigo, uma vez que essa espécie de texto é muito limitador para efetuar um trabalho completo como tal, cheio de nuances e profundidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Por fim, as obras de Green, Quinalha, Simões e Trevisan me ajudaram a entender as experiências desses indivíduos e fazer um comparativo com que é debatido nas fontes que usarei, entender as semelhanças e distinções das experiências, uma vez que mesmo que haja um sistema político vigente unitário, assim como qualquer sistema político as experiências em distintos estados e localidades tem nuances divergentes em alguns sentidos e semelhantes em outros, além de perceber as lacunas existentes perante a temática em debate, o que urge por ser aprofundado, pesquisado e trabalhado, além de como posso contribuir para que isso efetue-se de maneira concreta. Destarte, A intenção dessa apresentação é mostra que está sendo desenvolvido um trabalho pautado nessa temática com foco em Salvador, tão como no nordeste, além de dar visibilidade ao meu trabalho que está em seus primeiros passos, estar aberto a

¹ Graduando do curso de licenciatura em história do Campus XIV da Universidade Estadual da Bahia- UNEB, lazaroramos593@gmail.com

² Doutor e Professor assistente do curso de licenciatura em história do Campus XIV da Universidade do Estado da Bahia- UNEB, gtgeneroanpuhba@gmail.com

sugestões de leituras para o enriquecimento e desenvolvimento desse trabalho. Por fim, esses trabalhos que mencionei buscam criar ou revisar a historiografia já existente acerca da ditadura militar e mostrar que mesmo que não tenha sido homogênea as experiências a nível nacional, mas existiram, além de buscar criar ou moldar um senso crítico nessa e nas futuras gerações acerca da ditadura militar brasileira, e no que tange as experiências lgbt no período em questão, buscar mostrar, assim como mostra Foucault na teoria da biopolítica que mesmo que as instituições de poder vigentes tentassem silenciar, negar ou apagar a existência desses indivíduos, o ato de ser, existir e ocupar espaços de sociabilidade era uma maneira de resistir ao sistema e o processo repressivo, lutar e reafirmar sua (re) existência!

Palavras Chaves: Ditadura Militar, Homossexualidade, Salvador, Repressão, Lacuna Historiográfica.

REFERÊNCIAS

- SIMÕES, Kleber. “Bonecas: Faxina Depois do Desfile” A atuação da Delegacia de Jogos e Costumes de Salvador na prisão dos corpos dissidentes da cisheteronormatividade nos anos de chumbo da ditadura civil-militar brasileira (1968-1978). In: PEREIRA, Amailton Magno; VENANCIO, Rodrigo de Oliveira (org.). Clio sai do armário: historiografia LGBT. São Paulo: Alameda, 2021. p. 181-205.
- FOUCAULT, Michael. História da Sexualidade I: A Vontade de Saber. Rio de Janeiro: Graal, 1976
- TREVISAN, João Silvério. Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da Colônia à atualidade. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Objetiva, 1986.
- QUINALHA, Renan. Contra moral e os bons costumes: A política sexual da ditadura militar brasileira (1964-1978). 2017. 'Doutorado em Relações Internacionais' – Instituto de Relações Internacionais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- VERGUEIRO, viviane. Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade 2015. Mestrado (Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil.

¹ Graduando do curso de licenciatura em história do Campus XIV da Universidade Estadual da Bahia- UNEB, lazaroramos593@gmail.com

² Doutor e Professor assistente do curso de licenciatura em história do Campus XIV da Universidade do Estado da Bahia- UNEB, gtgeneroanpuhba@gmail.com

BAGAGLI, Beatriz. “Cisgeneridade e silêncio”. Transfeminismo, abr. 2014b. Disponível em <https://transfeminismo.com/cisgeneridade-e-silencio> Acesso em 14/06/2020. » <https://transfeminismo.com/cisgeneridade-e-silencio>

VIEIRA, Helena. “Toda cisgeneridade é a mesma? Subalternidade nas experiências normativas”. Portal Geledés, set. 2015. Disponível em Disponível em : <https://www.geledes.org.br/toda-cisgeneridade-e-a-mesma-subalternidade-nas-experiencias>

normativas/ Acesso em 20/05/2020. » <https://www.geledes.org.br/toda-cisgeneridade-e-a-mesma-subalternidade-nas-experienciasnormativas/>

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. 11 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

GREEN, James N. (James Naylor), 1951–. Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. Tradução de Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. São Paulo: Editora UNESP, 2000FON.

¹ Graduando do curso de licenciatura em história do Campus XIV da Universidade Estadual da Bahia- UNEB, lazaroramos593@gmail.com

² Doutor e Professor assistente do curso de licenciatura em história do Campus XIV da Universidade do Estado da Bahia- UNEB, gtgeneroanpuhba@gmail.com